

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**Fonte: Viliana Hene

Class.: _____

Data: 02/05/81

Pg.: _____

**SINOPSE**

Sebastião Nery

Índio quer apito

A marcha do velho carnaval já disse tudo: — "Índio quer apito. Se não der, pau vai comer." Apito de índio são suas terras. Enquanto não forem demarcadas, protegidas, garantidas, o problema indígena no Brasil não será resolvido.

Ainda agora, uma crise se agrava na Paraíba. Está há semanas nas manchetes dos jornais do Nordeste o drama dos índios Potyguara, que vivem na Baía da Traição, a 80 quilômetros de João Pessoa. São 3.500 remanescentes indígenas numa área entre 25 e 50 mil hectares. Vou contar a história toda, para vocês verem como, apesar de os índios estarem na praia quando Pedro Álvares Cabral desceu em Porto Seguro há quase 400 anos, a situação deles continua no ano zero.

1— A área onde vivem na Baía da Traição não é demarcada pela Funai. Muito invadida por posseiros e outros que se dizem proprietários, com documentações até centenárias, mas discutíveis, porque a Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, manda anular qualquer registro de terra habitada pelos índios desde que (na regência dominial) a primeira negociação ou qualquer outra tenha sido ilegal, isto é, contra os interesses dos índios. E historicamente essas terras foram doadas aos índios desde o tempo do Império.

2— A Baía da Traição é uma pequena cidade incrustada na reserva indígena, onde vivem, além dos índios, empresas e particulares invasores, com discriminação contra os índios que provocam ações e reações de violência. Condições de saúde precárias. De alimentação, péssimas. Até outubro de 1980 a ação da Funai era nenhuma. A partir de então, foi crescendo. A Arquidiocese da Paraíba atua lá há mais de três anos. Uma presença naturalmente de poucas realizações materiais, mas de grande influência na conscientização dos direitos indígenas e na luta pela demarcação das terras.

3— Quando o Ministério da Agricultura anunciou que destinaria uma verba especial para a Paraíba, foi preparado o Projeto Integrado Potyguara, com Cr\$ 76 milhões de recursos do Prodecor (Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais): Cr\$ 60 milhões para a agricultura (plantio e comercialização de feijão, milho, mandioca) e Cr\$ 16 milhões para a pesca (compra de 16 barcos e 35 canoas e construção de um entreposto do pescador com câmaras frigoríficas e fábrica de gelo).

4— Antes, assistentes sociais fizeram um levantamento sobre "as carências da comunidade" e os índios rejeitaram logo a cana-de-açúcar, para não ficarem subjugados aos usineiros. Preparado o projeto, em fevereiro deste ano, foi levado para discussão nas 15 aldeias: os índios nada pagariam, porque os recursos eram a fundo perdido e seriam fornecidos 20 tratores e o plantio seria em regime familiar, a critério dos índios. As sementes e adubos também seriam dados pelo projeto. A colheita e comercialização também seriam de livre decisão deles.

5— Posto em votação, as aldeias aprovaram o projeto. Menos uma, a de São Francisco, cujos índios disseram claramente que antes da demarcação das terras não aceitariam nada.

6— Em março e abril, as primeiras parcelas dos recursos foram liberadas, 20 tratores foram mandados, técnicos agrícolas, um engenheiro agrônomo. Era o início dos trabalhos. A aldeia de São Francisco reagiu e começaram as violências. A Polícia Federal foi para lá, exigiu a retirada da área da agente pastoral da Arquidiocese Maria Salete, explodiu a crise entre a Funai e a Igreja da Paraíba com seu líder dom José Maria Pires, o "Dom Pele".

7— A Arquidiocese da Paraíba tem razões para desconfiar da Funai, por causa do problema anterior com a implantação do projeto agrícola de Alagamar, mas cujos objetivos não são os mesmos dos da Baía da Traição, e também pelas posições tradicionais da Funai, aliás diferentes da filosofia do projeto da Baía da Traição.

8— No fundo de toda a crise, está um ponto só: tanto os índios da aldeia de São Francisco como a Arquidiocese acham que o Projeto Potyguara é uma maneira de desviar os índios e a Igreja da luta pela demarcação das terras, que é o fundamental.

Conclusão: o problema indígena no Brasil tem a idade da chegada de Pedro Álvares Cabral. Enquanto as terras indígenas não forem definitivamente demarcadas, a crise é inevitável. Índio sabe o que quer. Quer apito. Quer terras. Quer os últimos hectares. Porque o resto já lhe roubaram.